

Enfim, o grito das urnas

"A terra e a gente são boas...
Deus até nasceu aqui."

Murilo Mendes

OTTO LARA RESENDE

Dou logo minha opinião. Quem quiser discordar, discorde. Não tenho vontade de acender uma fogueira para torrar quem diverge de mim. Não sinto no adversário cheiro de enxofre, nem de churrasco. Creio no que creio, mas não desejo que morram os que não creem no que creio. Dito isto, achei o debate muito melhor do que o debate que não houve entre o General Figueiredo e o General Euler. Foi muitíssimo superior também o debate (nos bastidores, só para o público interno) entre o Castello e o Costa e Silva.

A República está completando cem anos da maneira andrajosa que todos vemos. Na verdade, o que está chegando ao primeiro centenário, Deus permita, é a transição lenta, segura e gradual, que começou com o Marechal Deodoro. Longe de mim a pretensão de desmerecer o proclamador. É a História que não esquece: o Marechal era afilhado de Sua Majestade e montou a cavalo numa crise hemorroidária, para dar um pulo ao Campo de Santana e acabar no grito com a festa do Império.

Há uma tradição de grito em nosso passado. Dom Pedro, depois dito o Primeiro, gritou às margens plácidas do Ipiranga (que já deve ter morrido de poluição). Dom Pedro deu uma paradinha à beira do rio porque estava com dor de barriga. Há dores que não são privativas dos plebeus e dos pobres. Aliás, com suas dragonas de marechal, também Deodoro estava numa bruta crise de asma quando foram buscá-lo para proclamar a República.

Sei por experiência própria o que é um acesso de asma. O cara mal consegue balbuciar um ai. Por isto valorizo o brado (foi o retumbante?) do Marechal. Só desconfio que ele clamou e proclamou no deserto. Tanto assim que renunciou logo. Há muita gente por aí que acha que renúncia é coisa de 1961. Não é, não. É de 1891. Depois veio outro Marechal — um durão, que não sofria de asma. O asmático respeita o ar que (não) respira.

Florianópolis foi uma parada. Vice, não queria saber de eleição. O sujeito tira a Presidência da República na rifa sem comprar bilhete e, claro, toma horror a eleição. Não gosta nem de eleição de miss. Quanto mais direta! Florianópolis dividiu o Brasil. Uns se exilaram aqui mesmo. Vejam só: Minas era um santuário contra a tirania. Outros se mandaram. Foi o caso do Ruy, que foi escrever cartas da Inglaterra e deu uma dentro: tomou pioneiro e ativo e defesa do Dreyfus. Só isto lhe garantiria a glória.

Eu sou mesmo um brasileiro antigo. Só de falar na República, logo me lembro do Ruy. O Ruy foi candidato a Presidente duas vezes. E duas vezes foi derrotado. A primeira por um marechal, que a *intelligenza* caricaturou a ponto de considerá-lo um oligofrênico. Do Ruy, não se dizia que era uma besta, mas, sim, que era um intelectual, o que é muito pior. Um sujeito que vivia no meio de livros, com a agravante de os ler e até reler. Sabia português como o Padre Vieira.

Por isso mesmo não foi eleito. Para Presidente, os manda-chuvas entendem sempre que é preciso alguém que tenha os pés no chão. De preferência os quatro. Com os quatro do cavalo, são oito — e está pronta a estátua mais ou menos equestre. Quando votei pela primeira vez, em 1945, os candidatos eram um Brigadeiro e um General. O General não era filhote da ditadura do Getú-

lio. Tinha sido um dos pais da ditadura. Recebeu até a Cruz de Ferro do Sr. Adolfo, mais conhecido como Herr Hitler.

Pois no Governo, vejam o que é a natureza: o General prometeu ser o Presidente de todos os brasileiros. Tinha seis anos de mandato, não jurou diante da televisão (ainda não existia esta incômoda testemunha) que só aceitava quatro, mas concordou em ficar só cinco anos. Foi ele que inventou essa moda de chamar a Constituição de **livrinho**. Nem por isto a Constituição foi cumprida à risca. Primeiro, porque ninguém cogitou das leis complementares. Ficou tudo no papel. Mais ou menos como vai ficando a de 1988. Agora o Lula e o Collor juram que vão seguir o que está no **livrinho**.

Ninguém pediria a um Presidente que fosse um grande leitor. Nos Estados Unidos, Kennedy leu Ian Fleming e olhe lá. Aqui, homem público que leu "Iracema" já passa por letrado. Se quiser, entra na Academia. Ao debate, o Lula e o Collor só levaram um livro. Ou melhor: o **livrinho**. Como pretendido parar de observar o Brasil em breve, também eu vou ter tempo de ler o **livrinho**. E só quero ver quem vai contrariar o que está escrito. Afinal, não é só no bicho que vale o que está escrito.

Tenho minhas dúvidas se esse apego ao constitucionalismo vai ser para valer. Porque o que se viu nestes cem anos é o estupro da Constituição a três por dois. Tem muito democrata da boca pra fora que tem o orgasmo só de pensar em Ato Institucional. O Chico Campos morreu, mas jurista pra golpe de Estado é o que não falta. Basta procurar no Ministério da Justiça, ou nos arredores. O Chico Ciência pelo menos sabia escrever. E lia, o que aliás prejudicou a sua carreira de homem público.

Hoje, no centenário da República, parece que a eleição virou uma espécie de vestibular. O Lula vive patrulhado por gente que mal sabe escrever um bilhete à lavadeira pedindo pra pregar um botão na cueca. Como se a nossa vida pública tivesse uma plêiade de áticos humanistas. Ora, tem muita gente de êxito por aí que não resiste a um simples ditado. Os mais preparados escreverão o **fiufo flu a afe**. Até PhD, que no Brasil virou PhDeus. Por esta e por outras, é que não vivo na república dos meus sonhos. Mas da eleição de hoje não vai sair a república dos nossos pesadelos.

Se dependesse de minha vontade, o regime seria parlamentarista (o que condiz mais com os dois turnos), o mandato seria de quatro anos, o voto seria distrital e não seria obrigatório. E a eleição teria sido em 1965. Ou, vá lá, em 1985. Mas o Brasil não me dá a menor bola. Então voto com a certeza indignada de que o que vem por aí não pode ser pior do que o que aí está. Vejo por toda parte a preocupação de defender a bandeira nacional (por sinal positivista e materialista, sob a égide de Clotilde de Vaux).

O que é preciso mesmo é devolver ao Brasil o direito de ter uma moeda. De ser uma nação. Acabar logo com a obscuridade da distribuição de renda. E com a hidra dessa inflação que mata os pobres e sufoca os remediados.

Um jornal de Nova York disse que o Brasil é "uma nação preguiçosa unida pela televisão". Cá entre nós, preguiçosa é a mamãezinha. Lá em cima, eles acham que a gente sofre pouco. Além da miséria, dos juros e do calorão, são bem capazes de nos desejar tremor de terra, nevasca e tufão. Está na hora de o Brasil se dar ao respeito também aos gringos. Eu já estava quase conformado a morrer com o Muro de Berlim de pé. E sem votar pra Presidente. De repente, o Muro de Berlim caiu. Mas se bobear, a nossa transição continua pelo século XXI afora. Até que enfim vamos votar — e nada de voto branco ou nulo. O que for soará. Estamos no Advento — e o que vier virá pelo bem do Brasil. Desta vez não vai ser no grito, mas no voto.